

REVISTA MARACANAN

Entrevista

Entrevista com o professor Flavio Wolf de Aguiar (USP)

Interview with lecturer Flavio Wolf de Aguiar (USP)

Beatriz de Moraes Vieira*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Cairo de Souza Barbosa**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.



* Professora Associada do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em História Social e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense. Realizou estágio pós-doutoral na Cornell University. Atual coordenadora-geral do Programa de Pós-graduação em História – UERJ (biênio 2022-2023). Membro do núcleo de pesquisa *Comunidade de Estudos em Teoria da História e Historiografia* (COMUM-UERJ). (bea.vieira.trabalho@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-5722-9880>  <http://lattes.cnpq.br/3413434339597114>

** Doutorando e Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro da *Comunidade de Estudos de Teoria da História e Historiografia* (COMUM-UERJ), do *Laboratório de Teoria, Historiografia e História Intelectual* da PUC-Rio e da *Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas* (ANPHLAC). (cairosbarbosa@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-5718-3931>  <http://lattes.cnpq.br/4802533280401338>

Flávio Wolf de Aguiar nasceu em Porto Alegre (RS), em 1947. É Doutor em Letras (1979) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/ USP), onde fundou e dirigiu o *Centro Ángel Rama* e atuou por muitos anos (1973-2006) como professor de Literatura Brasileira, até se aposentar.

Sua atuação intelectual abrange os campos da Literatura, do jornalismo e da criação literária. Flávio Aguiar foi professor convidado e conferencista em universidades no Brasil, Uruguai, Argentina, Canadá, Alemanha, Costa do Marfim e Cuba. Dentre seus mais de trinta livros publicados constam os de autoria própria, as coletâneas por ele organizadas ou editadas, traduções e participações em antologias. São obras de crítica literária, ficção e poesia. Ao longo da vida, trabalhou nos principais jornais e revistas brasileiros. No período da ditadura militar, foi editor de cultura do jornal Movimento.

Flávio Aguiar recebeu por três vezes o prêmio Jabuti da *Câmara Brasileira do Livro*: em 1984, na categoria Ensaio, com sua tese de doutorado *A comédia nacional no teatro de José de Alencar* (publicado pela Ed. Ática, 1984); em 2000, o romance *Anita* foi premiado (publicado pela Ed. Boitempo, 1999); e, em 2007, recebeu o prêmio coletivo outorgado à *Latinoamericana: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe* (Boitempo, 2006), na qual foi responsável pela seção de literatura. Atualmente, esse professor/pesquisador de múltiplas facetas reside em Berlim, na Alemanha, desde onde contribui com seus textos lúcidos e críticos para publicações brasileiras impressas ou na internet, bem como reportagens para TV e rádio.

Este ano, como amplamente divulgado, completam-se 100 anos da *Semana de Arte Moderna* de 1922, e sua importância é muito debatida, seja por críticos literários, historiadores, sociólogos, jornalistas... Como o sr. avalia o papel da *Semana* como marco do modernismo brasileiro? E podemos falar em diversas fases do modernismo?

Flávio Wolf de Aguiar: A *Semana* teve um papel seminal. Ela foi, primeiro, um ponto de convergência. Segundo um ponto de irradiação. Convergência: já havia no Brasil diferentes manifestações artísticas e culturais que punham em dúvida os padrões até então tradicionais das criações sobretudo literárias e pictóricas. Houve a exposição de Anita Malfatti, em 1917. Ainda que de modo irregular, chegavam notícias dos movimentos de vanguarda da Europa. Havia uma primeira irrupção da música popular. Havia uma percepção difusa de que o século XIX tinha de fato terminado. A Primeira Guerra Mundial enterrara de vez a "*Belle Époque*". No cenário político havia muita insatisfação no ar com as oligarquias que dominavam o governo federal e os estaduais. Havia um movimento operário emergente em várias cidades do Brasil. Havia também o crescimento de uma nova classe média e de uma nova burguesia endinheirada que,

se não se contrapunha às elites tradicionais, com elas não rimava.

Tudo isto eclodiu em 1922, ano do centenário da independência. A Semana foi preparada em 1921 e eclodiu em 1922. Na sequência aconteceram a revolta dos 18 do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, marco do Movimento Tenentista e a fundação do Partido Comunista do Brasil no mesmo ano. A realização da Semana se deu dentro deste clima de insatisfações latentes que buscavam expressão, através de uma intelectualidade jovem concentrada em São Paulo, mas que espelhava um quadro dinâmico nacional, refletido, por exemplo, na participação de diversos intelectuais e artistas vindos do Rio de Janeiro. No momento de sua realização, em fevereiro de 1922, ela teve uma repercussão exterior pequena. Eu diria até que sua recepção foi predominantemente negativa, pelo menos na imprensa paulista de então, apesar do apoio que recebeu das autoridades, no caso, do prefeito Firminiano Pinto e do governador Washington Luís, ansioso este por se projetar como “moderno” na cena nacional.

Na imprensa o que se viu, na maior parte dos comentários, foi o desprezo pelo que os articulistas consideravam ser “loucura”, “maluquice”, “coisas sem pé nem cabeça” e outros adjetivos pesados. No restante do país quase não houve reconhecimento do que acontecera no Teatro Municipal de São Paulo. Mas internamente, para o grupo que realizou a Semana, a repercussão foi muito intensa, e positiva, pelo simples fato de sua realização. Eles provaram para si mesmos que eram capazes de fazer “aquilo”: enfrentar os preconceitos de uma plateia hostil (houve muita vaia no Municipal), de uma mídia hostil, de um meio culturalmente provinciano, de espírito paroquial, como era o de São Paulo naquele momento. A partir daí aquele grupo pequeno, mas ousado, se afirmou como um dos principais vetores da atualização da inteligência nacional, da afirmação do direito à pesquisa na arte e na cultura e da busca de uma expressão amplamente brasileira, como afirmaria o próprio Mário de Andrade nos artigos que escreveu e na conferência que pronunciou para comemorar os 20 anos da Semana, em 1942. Sobre fases, tradicionalmente falou-se de uma fase “destrutiva” do Modernismo, na década de 20 e depois de uma fase mais “construtiva” a partir de 1930. Prefiro falar, como disse antes, de um momento de “convergência”, quando as inovações que estavam latentes irromperam no grupo que realizou a Semana, e de uma fase de “irradiação” quando este grupo de São Paulo influenciou e confluuiu com outros grupos em formação em todo o Brasil, de Norte a Sul. Quando Mário comemora os 20 anos da Semana paulistana, ela já se tornara patrimônio brasileiro, por assim dizer.

Para alguns historiadores e críticos literários existem diferenças significativas entre as expressões modernistas no Brasil e no restante da América Latina. Diz-se, por exemplo, que no espaço hispano-americano o modernismo ter-se-ia iniciado com Rubén Darío, ainda no final do século XIX, enquanto no espaço brasileiro o modernismo teria surgido apenas na década de 1920. Como lhe parece tal hipótese e o que explicaria essa diferença temporal?

Flávio Wolf de Aguiar: As palavras viajam no tempo e no espaço, e ao viajarem mudam

de sentido. “Modernismo”, na América de expressão hispânica, quer dizer uma coisa, e no Brasil de língua portuguesa, outra. Na América de expressão hispânica “Modernismo” se aproxima do que no Brasil nós chamamos de “Parnasianismo” e “Simbolismo”. Enquanto que o “Modernismo” do Brasil se aproxima do que do outro lado da linha imaginária de Tordesilhas se chama de “Vanguardismo”. O crítico uruguaio Ángel Rama sempre apontou o caráter precoce da formação artística e cultural brasileira, seguindo e ampliando as reflexões de Antonio Candido. Ele mostrou, por exemplo, como que a formação de um sistema literário brasileiro autônomo e auto-referenciado, ainda que vinculado aos movimentos europeus, foi precoce em relação ao que aconteceu de semelhante na América Hispânica, e assim mesmo de modo mais limitado, girando em torno de Buenos Aires e do México, sobretudo.

Da mesma forma, ele aponta que o Vanguardismo hispânico, na América, permaneceu umbilicalmente muito mais ligado aos movimentos europeus do que o Modernismo brasileiro. Este foi um movimento de independência em relação à Europa, ainda que atento às vanguardas d’além mar. Até o Movimento Modernista, os movimentos literários e artísticos brasileiros poderiam ser considerados como “movimentos europeus com alguns anos de retardo”: Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo/Naturalismo, Parnasianismo/Simbolismo, Regionalismo... Com o Modernismo houve uma ruptura com este quadro. Não houve um “Surrealismo Brasileiro”, nem um “Futurismo Brasileiro”, ainda que houvesse pontos de convergência com estes movimentos europeus. Houve o “Pau Brasil”, a “Antropofagia”, o “Verde Amarelo” ou a “Anta”. Na verdade, o Brasil estava na vanguarda das vanguardas da América Latina.

Recentemente, o escritor Ruy Castro, no livro *Metrópole à beira-mar: O Rio moderno dos anos 20 (2019)*, com base em historiadores cariocas defendeu que o modernismo paulista, cuja expressão máxima teria sido a Semana de 1922, tentou apagar a ebulição cultural e política do Rio de Janeiro na virada do século, sobretudo na década de 1920. A seu ver, quais as razões e efeitos dessa tensão entre Rio de Janeiro e São Paulo em relação tanto à Semana de Arte quanto ao(s) próprio(s) movimento(s) modernista(s), tendo em vista sua forte relação com os ideais nacionalistas?

Flávio Wolf de Aguiar: A Semana não foi a “expressão máxima” do movimento paulista; na verdade ela foi a primeira de grande porte, apesar de sua pequena repercussão em 22. Depois vieram seus desdobramentos, com aqueles grupos e manifestos que citei anteriormente, junto com seu alcance multidisciplinar: a Semana, é bom lembrar, reuniu poetas, prosadores, músicos, artistas plásticos, ensaístas, pesquisadores, também vindos do Rio de Janeiro. Alguns membros do “Modernismo Paulista” saíram a percorrer o país, como Mário de Andrade, com suas pesquisas sobre música e danças, Guilherme de Almeida, com suas conferências e leituras poéticas.

Li um comentário recente de Ruy Castro em jornal dizendo que os intelectuais do Rio de Janeiro eram jornalistas, estavam vinculados ao mercado de trabalho cultural, enquanto que os paulistas eram pedantes tributários de uma aristocracia oligárquica, ou algo assim: os termos podem estar algo trocados, pois estou citando de memória, mas o sentido era este. Na verdade

não era bem assim. Havia gente rica sim: Oswald de Andrade vinha de uma família abastada, por exemplo. Já Mário de Andrade era de classe média, ganhava a vida dando aulas de música. Chegou a perder alunos por causa da repercussão negativa das “maluquices” da Semana. Havia salões literários e culturais, como os da família Penteado e serões como os do abastado Freitas Valle, gaúcho de origem. Mas isto era mais a expressão de uma elite cultural – que quase sempre, mas nem sempre coincidia com a econômica – num meio ainda algo tacanho e provinciano como o de São Paulo. Lembremos: em 1920 o Rio de Janeiro tinha mais de um milhão de habitantes; era a única de fato metrópole brasileira; São Paulo tinha menos de 600 mil...

Mas o fato é que São Paulo cresceu enormemente com o processo de acelerada industrialização a partir de 1930, embora a burguesia paulista, de início, tenha manifestado seu desconforto com este processo “getulista”, porque temia a formação de um proletariado urbano robusto. E isto acabou por se espelhar no mundo da cultura e da arte, ainda mais com a progressiva fundação das universidades nos estados brasileiros. O fato também é que o Rio de Janeiro, sendo a metrópole que era, guardava um ar meio século XIX, onde a Capital Federal convivia com o espírito da Corte bragantina. São Paulo já possuía o ar irrequieto das imigrações. E uma parte da intelectualidade carioca nunca se conformou com a perda posterior do *status* de Capital Federal. Mas o Brasil é maior do que estas rivalidades paroquiais, que também encontram guarida em São Paulo e outras cidades brasileiras.

Ainda na seara da pergunta anterior, em que medida essa disputa intensa, que se desdobrou em diversos campos disciplinares, contribuiu para um esquecimento de outros modernismos, como aqueles que surgiram nas regiões Nordeste e Sul do Brasil?

Flávio Wolf de Aguiar: Esquecimento... esquecimento... este é um patrimônio nacional. Como esquecer o Movimento Regionalista liderado por Gilberto Freyre? Ou o grupo modernista de Cataguases, em Minas Gerais? Ou as revistas de vanguarda do Rio de Janeiro, como *Festa*, onde pontificaram Cecília Meireles e Adonias Filho? E o grupo em torno da *Livraria do Globo*, em Porto Alegre? E assim por diante. Veja bem: há uma tendência, por parte de muitos intelectuais, de se projetar como inventores da roda. Dou um exemplo. Recentemente li comentários, se apresentando como inovadores, de que os brasileiros tinham um sentimento de repúdio em relação a sua herança portuguesa. Meu Deus, eu pensei, essa gente não leu Paulo Prado e o seu *Retrato do Brasil - Ensaio sobre a tristeza brasileira*, de 1928? Sequer leu *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, publicado em folhetim em 1852 e 1853 e em livro em 1854. Ou se leram, não entenderam.

A importância da Semana e de seus desdobramentos não pode ser compreendida sem seu cotejo com isto que você chamou de “*outros modernismos*”, onde se misturam movimentos espiritualistas, outros regionais, outros ainda de contato platino, e tanta outra coisa deste imenso Brasil. Agora, não dá para tapar com a peneira o fato de que aquele grupo vinculado à Semana continha uma plêiade de intelectuais de primeira grandeza: Mário de Andrade, Oswald

de Andrade, Villa-Lobos, Brecheret, Ronald de Carvalho, Tarsila do Amaral (embora no momento da Semana ela estivesse em Paris), Anita Malfatti, Manuel Bandeira, Menotti del Picchia; sem esquecer, pela direita, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e assim por diante.

Como gaúcho que sou, vou esquecer a poesia de Augusto Meyer ou de Mário Quintana, este último com seu modernismo marcado por traços simbolistas dos melhores? Como vou esquecer a contribuição de Guilhermino César, do grupo mineiro de Cataguases, co-fundador da revista *Verde*, onde, dentre outros, pontificaram Marques Rebelo e o próprio Mário de Andrade? No começo da década de 1940 Guilhermino foi chamado para ser chefe de gabinete do então interventor no Rio Grande do Sul, general Ernesto Dornelles. Antes de seguir para o sul, visitou Mário de Andrade, e recebeu deste o seguinte conselho: “vá lá e estude os gaúchos; eles são sérios”... O resultado deste conselho e desta transferência do mineiro das alterosas para o pampa de horizonte amplo foi uma série de estudos literários e históricos de primeira grandeza, cuja obra máxima foi a *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, de 1956, além de suas crônicas e poemas. Sem falar na sua contribuição para recuperar e consagrar a obra do tripudiado e esquecido modernista gaúcho *avant-la-lettre*, o dramaturgo e poeta Qorpo-Santo, do século XIX, que ele apelidou de “manso louco das margens do Guaíba”... A releitura e revalorização de obras esquecidas, como a de Qorpo-Santo, Sousândrade, Kilkerry, feita pelas vanguardas dos anos 50, também foi consequência da senda aberta pelos modernistas, que releeram os românticos e valorizaram o circo e o cinema, por exemplo.

No livro *Itinerário de uma falsa vanguarda (2010)*, Antonio Arnoni Prado tensiona a percepção de que o modernismo tinha um veio essencialmente progressista, o que de resto encontra-se questionado em diversas obras sobre o tema. Quais foram as ligações entre setores específicos do movimento modernista e a emergência de um pensamento conservador, reacionário e até fascista, no Brasil da primeira metade do século XX? E quais suas ligações com os grupos políticos progressistas e/ou de esquerda?

Flávio Wolf de Aguiar: Em sua comemoração da Semana, Mário aponta seu pensamento de que sua geração deveria ter sido mais “engajada”, como se dizia, desde sempre. Embora alguns dos participantes da Semana já mostrassem preferências políticas, como o próprio Mário, esta forma de engajamento não era a tônica do grupo naquele momento. Depois os desdobramentos políticos se manifestaram de modo mais dramático, como, de resto, em toda a sociedade brasileira. Mário estaria no que hoje a gente chamaria de centro-esquerda. Plínio Salgado tornou-se o líder máximo da extrema-direita brasileira. Menotti del Picchia foi para a direita também, como Cassiano Ricardo. Guilherme de Almeida, um conservador de perfil mais clássico, colaborou com o grupo *Verde-Amarelo* e também com a *Revista de Antropofagia*, do esquerdista Oswald de Andrade, tamanha era fluidez ideológica do grupo modernista inicial. Oswald chegou até o Partido Comunista, embora esta sua adesão tenha muito a ver com sua paixão por Patrícia Galvão, a Pagu, esta sim uma militante de carteirinha e de coração.

A Semana e o Movimento Modernista foram manifestações amplamente nacionalistas. E o nacionalismo se desdobrou tanto à direita quanto à esquerda. Vou contar um segredo. Na década de 1940, Oswald de Andrade rompeu com Antonio Candido porque este ousou comparar a sua prosa modernista e fragmentária com a de Plínio Salgado! Mas acontece que o parentesco é evidente. O próprio Oswald reconheceu isto mais tarde. Certo dia ele encontrou Antonio Candido na rua, foi-lhe ao encontro, e disse algo assim: “Você tinha razão e eu não, quero lhe apertar a mão e ser seu amigo”. E o fato é que os dois ficaram grandes amigos até o fim da vida do Oswald, que morreu em 1954.

Na sua concepção, em que medida o modernismo remodelou a própria forma de escrever a História no Brasil? No campo da historiografia, é consenso que as obras de Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, por exemplo, modificaram os protocolos historiográficos que aqui se praticavam desde, ao menos, o século XIX. É possível vincular tais autores aos modernismos que se afirmaram no país entre os anos 1920 e 1950?

Flávio Wolf de Aguiar: Mário de Andrade foi um dos criadores do conceito moderno de Patrimônio histórico e artístico nacional, para além da ideia de mecenato, que já havia desde os tempos, pelo menos, de Pedro II. Ele e os demais modernistas ajudaram a ampliar este conceito, abrangendo as manifestações populares, as heranças afro e indígenas, a contribuição então mais recente dos imigrantes que chegavam aos borbotões naquele Brasil que mudava de semblante com muita rapidez. O Brasil do século XIX, em que pese os esforços dos românticos e de intelectuais de outras tendências e escolas, era ainda um Brasil muito português, muito Bragança. Gonçalves Dias escreveu nosso melhor drama romântico daquele período, *Leonor de Mendonça*, sobre o assassinato dela pelo seu marido, o Duque D. Jaime de Bragança, em 1512, no Palácio de Vila Viçosa, em Portugal, como se aquilo fosse parte da “nossa” história. Bom, de certo modo, era, porque se tratava de algo relativo às origens da casa imperial brasileira. Tanto é assim que a peça jamais chegou a ser representada durante o Segundo Reinado... embora escrita entre 1845 e 1847.

Já no final do século XIX, começo do XX, este perfil bragantino do Brasil começou a mudar de fato, com os diferentes regionalismos expandido a visão dos nossos variados perfis, das margens do Prata à quase beira do Caribe, do Atlântico ao quase-sopé dos Andes. Os modernistas e os desdobramentos de seu movimento iriam “abrir os portos” da nossa inteligência para as culturas populares e muitas outras variantes, através do conceito experimental de que tudo – absolutamente tudo – poderia virar motivo literário e artístico.

Claro está que isto também viria a se refletir na nossa historiografia, como atesta *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, publicado em 1933. Em 1928, ano da publicação de *Macunaíma*, Paulo Prado publica seu *Retrato do Brasil*, uma leitura indispensável; em 1936 Sérgio Buarque publica *Raízes do Brasil*, cujo título inverte a perspectiva do *Retrato*... Já para Caio Prado Júnior, a palavra-chave será “Formação...”, com sua *Formação do Brasil*

Contemporâneo, de 1942. Em 1959 aparecem simultaneamente *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado, e *Formação da Literatura Brasileira - Momentos decisivos*, de Antonio Candido. Este termo, "Formação..." sublinha o caráter de processo histórico estudado em suas raízes econômicas, políticas e culturais, uma senda que, se já havia, foi bastante ampliada pelos modernistas e sua busca voluntariosa da atualização da inteligência, aliada a uma "redescoberta" do Brasil.

Referências

AGUIAR, Flavio Wolf. *A comédia nacional no teatro de José de Alencar*. São Paulo: Ática, 1984.

AGUIAR, Flavio Wolf. *Anita: romance*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

CASTRO, Ruy. *Metrópole à beira-mar: O Rio moderno dos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os Dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

SADER, Emir; JINKINGS, Ivana *et al.* *Latinoamericana: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.